

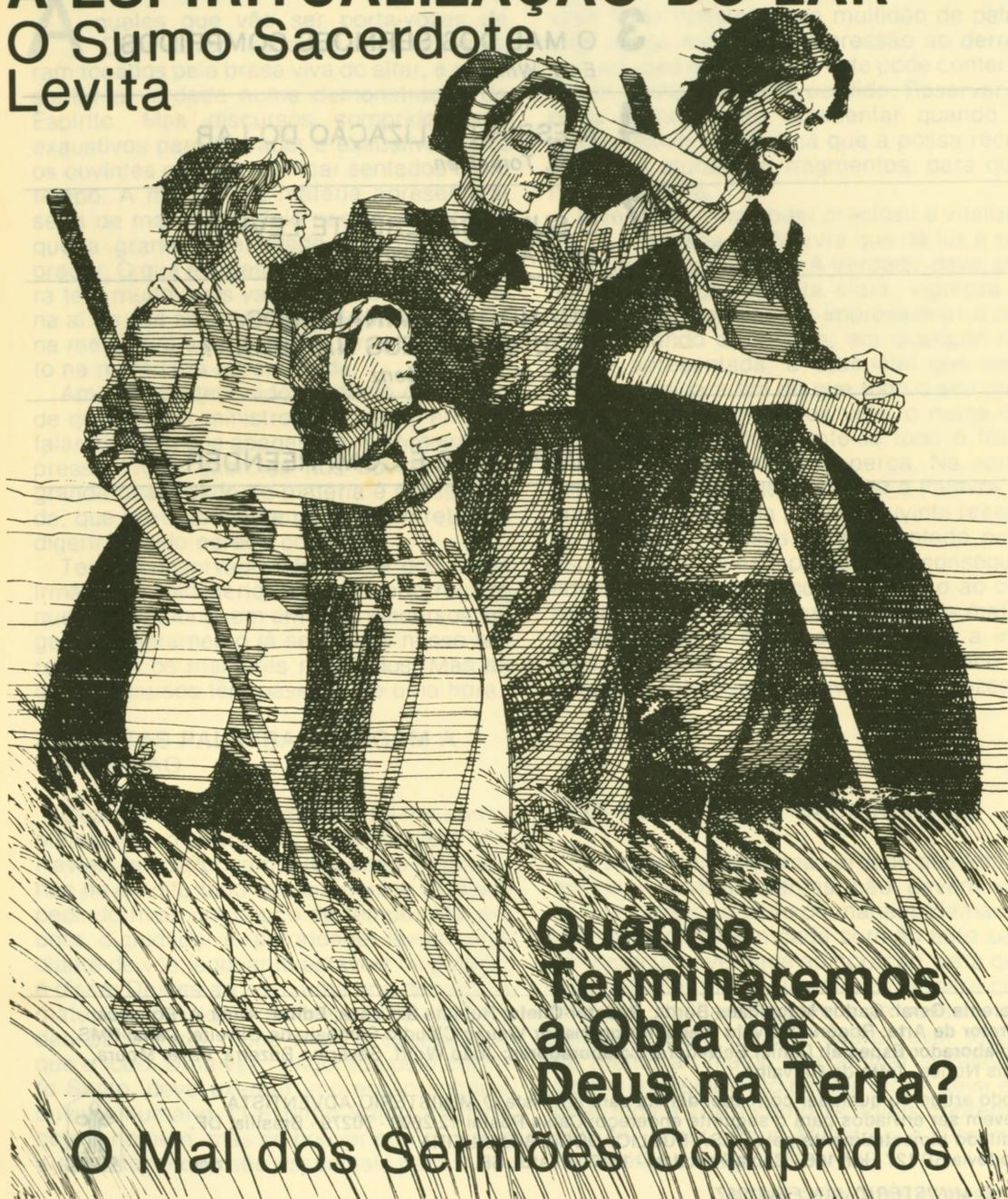
JAN/FEV/1987 - Nº 1

Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista

A ESPIRITUALIZAÇÃO DO LAR O Sumo Sacerdote Levita



Quando
Terminaremos
a Obra de
Deus na Terra?

O Mal dos Sermões Compridos

ARTIGOS

3 O MAL DOS SERMÕES COMPRIDOS
E. G. White

4 A ESPIRITUALIZAÇÃO DO LAR
M. C. Torkelsen

7 O SUMO SACERDOTE LEVITA
Almir A. da Fonseca

11 QUANDO TERMINAREMOS
A OBRA DE DEUS NA TERRA?
Paulo H. Souza Sáenz

16 SIMPATIZAR É COMPREENDER

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca; **Diretor de Arte:** Rogério Sorvillo Vieira; **Programador Visual:** Cláudio Sampaio de Oliveira; **Capa:** PMS; **Colaborador Especial:** Daniel Belvedere; **Colaboradores:** João Wolff, Severino Bezerra, Pável Moura, Luis Nunes, Jefte de Carvalho.

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 - 70279 - Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 - km 106 - Caixa Postal 34 - 18270 - Tatuí, SP.

7305



O Mal dos Sermões Compridos

Aqueles que vão ser porta-vozes de Deus devem saber se seus lábios foram tocados pela brasa viva do altar, e apresentar a verdade numa demonstração do Espírito. Mas discursos compridos são exaustivos para o orador e exaustivos para os ouvintes que têm de ficar sentados tanto tempo. A metade da matéria apresentada seria de maior benefício para o ouvinte do que a grande quantidade entornada pelo orador. O que é apresentado na primeira hora tem muito mais valor se o sermão termina aí do que as palavras que são proferidas na meia hora adicional. Há um sepultamento na matéria já apresentada.

Amiúde me tem sido revelado o assunto de que nossos ministros cometiam erro ao falarem tanto que apagassem a primeira impressão forte exercida nos ouvintes. Tão grande quantidade de matéria é apresentada, que provavelmente não podem reter ou digerir, e tudo parece confuso.

Tenho conservado isto diante dos meus irmãos do ministério, e lhes tenho rogado que não se alonguem em seus discursos; algum melhoramento já se obteve nesse terreno com os melhores resultados. Mas alguns discursos têm passado de uma hora.

AS MUITAS PALAVRAS APAGAM A IMPRESSÃO

Quando estava na América, foi-me comunicada luz no período da noite quanto a vós. Havíeis falado longamente e ainda julgáveis não haver dito tudo que quereis, e estáveis pedindo mais um pouco de tempo. Alguém com dignidade e autoridade levantou-se diante de vós, enquanto estáveis no púlpito, e disse: Destes ao povo uma boa porção de matéria a considerar; a metade do que tendes dado seria muito mais proveitosa do que o todo. Uma vez revigorada pelo Espírito Santo, deve exercer impressão sobre o ouvinte humano. O Espírito Santo trabalha com o homem, mas se houver pontos vitais a salientar e que são essenciais para o ou-

vinte levar consigo, uma multidão de palavras apaga esta forte impressão ao derramar no vaso mais do que este pode conter e assim muito esforço é perdido. Reservar a outra metade para apresentar quando a mente estiver tão fresca que a possa receber, será ajuntar os fragmentos, para que nada se perca.

A verdade é um poder precioso e vitalizador. É a entrada da Palavra que dá luz e sabedoria aos simples. A verdade deve ser apresentada de maneira clara, vigorosa e incisiva, para que possa impressionar o ouvinte. Quando a verdade, em qualquer ramo, é apresentada, é essencial que seja compreendida a fim de que todo o seu precioso alimento, o pão da vida, o maná do Céu, seja recebido. Ajunte-se todo o fragmento, para que nada se perca. Na apresentação da verdade ao pregar a Palavra, é importante que nada perca o ouvinte receptivo. O Senhor Jesus é representado pelo Espírito Santo, e está procurando conseguir admissão à mente, vindo convicção ao coração e consciência; mas o efeito da matéria excessiva é prejudicial, oblitera a impressão anteriormente feita. Falai pouco, e criareis o interesse de ouvir muitas vezes.

UMA VERDADE EM CADA SERMÃO

É especialmente uma verdade que temas novos e surpreendentes não devem ser apresentados ao povo de maneira demasiadamente longa. Em cada sermão feito seja aplicada uma verdade ao coração, para que todo aquele que ouvir entenda, e para que homens, mulheres e jovens se possam tornar vivos para Deus. Procurai levar todos, do menor ao maior, a examinar a Palavra; pois o conhecimento de Sua glória deve encher toda a Terra como as águas cobrem o mar. — *Test. Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, págs. 256 a 258.

A Espiritualização do Lar

Ninguém precisa observar muito longamente para concluir que o mundo de hoje está assobrado com problemas de atordoar. Indicam-se comissões, criam-se forças-tarefa, reforçam-se os organismos policiais, tudo na tentativa de controlar uma geração rebelde, desregrada, geração confusa, cheia de paradoxo, em que as pessoas são mais inteligentes do que nunca antes, e contudo sem respostas para muitas interrogações; mais ricas do que em qualquer outro tempo, e conhecendo mais pobreza do que nunca; produzindo mais alimentos do que em qualquer outra geração do passado, e com uma multidão de famintos. Nosso mundo está enfermo, procurando desesperadamente meios legais de curar sua enfermidade com uma legislação mais acurada sobre hospitalização, mais auxílios federais para educação, milhares de cruzados mais para pesquisas em diferentes setores ligados à defesa nacional, tudo para no final de toda tentativa chegar-se à conclusão de que os problemas continuam a multiplicar-se.

O problema geral envolve, obviamente, vícios de seqüência. A ordem de coisas proverbialmente definidas como "o carro diante dos bois", constitui a causa fundamental do dilema. Os problemas estonteantes da sociedade de hoje podem ser diretamente atribuíveis ao esfacelamento do lar. "A influência de uma família mal dirigida é dilatada, e desastrosa a toda a sociedade. Acumula uma onda de males que afeta famílias, comunidades e governos." — *O Lar Adventista*, pág. 33. "O bem-estar da sociedade, o êxito da Igreja, a prosperidade da Nação, dependem das influências domésticas." — *Conselhos aos Professores*, pág. 365.

LAR: UNIDADE BÁSICA DA SOCIEDADE

Faz cerca de seis mil anos um sábio Criador trouxe à existência por Sua palavra (Salmo 36:6 a 9) um mundo perfeito natural e estabeleceu a unidade básica da sociedade terrestre: o lar. Aos ocupantes deste mundo foram dadas certas indicações e regras pa-

ra a felicidade. De igual modo foi-lhes dado o direito de escolher sua própria conduta. Eles bebiam a água pura do Éden, comiam do fruto da árvore da vida, mantinham direta comunhão com o Criador, manifestavam leal e elevada dedicação mútua. Veio, porém, um dia fatal em que um intruso, o adversário das almas, aproveitou um momento oportuno para arruinar-lhes o lar perfeito, mediante a tentação que levou Eva ao quebrantamento das regras. Estando sozinha e sem a fortalecedora presença do seu companheiro, ela sucumbiu, e assim começou o triste relato da progressiva degeneração da humanidade. O mesmo inimigo continua seu frenético ataque em muitos aspectos nos mesmos moldes de então, lacerando os lares, criando paredes figurativas entre marido e esposa, entre pais e filhos. Quando os casais são descuidosos e deixam de beber da cisterna de águas vivas, e de comer o pão da vida, mantendo assim viva comunhão com o Criador, os resultados são igualmente trágicos. São decorridos mais de quatro milênios desde que o Senhor viu que a imaginação do coração humano era má (Gên. 6:6 e 7), e Se arrependeu de havê-lo criado. A humanidade simplesmente comia e bebia, casava e dava-se em casamento (S. Mat. 24:38). O lar e a norma moral de Deus haviam ruído. A Noé, homem justo, que andava com Deus, foi dito que construísse uma arca para salvar a humanidade do devastador dilúvio que haveria de destruir tudo.

Retornamos ao registro sagrado da História e de novo vemos que está faltando a santidade do lar através dos séculos. Desta vez foram as cidades de Sodoma e Gomorra. A sociedade tornara-se penosamente ímpia (Gên. 18:20), e a despeito da intercessão de Abraão o patriarca, Deus destruiu essas cidades com fogo e enxofre (cap. 19:24).

Estamos de novo à beira de uma catástrofe que chega ao clímax, quando observamos dados estatísticos de nossa sociedade, com divórcios que chegam a ser iguais em número aos casamentos. Quantidades in-

contáveis de crianças que são postas dentro de lares que são menos do que naturais, e certamente menos ainda do que como foi planejado por Deus. Chegamos a sentir um frio na espinha quando vemos a realidade no terreno moral, com o crime nas ruas, agitação nas universidades e rebelião em todas as nações. É alto tempo de colocarmos o carro para trás dos bois e olhar com seriedade o problema de nossos lares.

Se pudéssemos honestamente isolar da sociedade o problema do lar, e declarar os adventistas do sétimo dia em geral imunes aos dardos inflamados do maligno no que tange aos seus lares, poderíamos dormir melhor à noite. O fato é que os problemas do mundo e das nações individualmente se nivelam desgraçadamente com os problemas das igrejas. A força ou fraqueza da igreja adventista do sétimo dia jazem inequivocamente na base da unidade familiar que constitui nosso corpo de membros. "No lar é posto o fundamento da prosperidade da igreja. As influências que regem a vida no lar são levadas para a vida da igreja." — *O Lar Adventista*, pág. 318. "Uma família bem ordenada, bem disciplinada, fala mais em favor do cristianismo do que todos os sermões que se possam pregar." — *Idem*, pág. 32.

Ninguém pode deixar de considerar cuidadosamente o fato de que cerca de quarenta páginas do *Índice* do Espírito de Profecia são necessárias para catalogar as afirmações sobre o Espírito Santo e o lar. Não podemos senão concluir que o grande Deus do Universo de propósito deu ênfase a este assunto.

ESPIRITUALIZAÇÃO DO MARIDO E ESPOSA

A espiritualização do lar deve começar com a espiritualização do marido e da esposa. Esta condição não vem por acaso. Requer diligente esforço da parte de cada um dos cônjuges. "O amor é paciente, é benigno, o amor não arde em ciúme, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta." I Cor. 13:4-7. Esta é a definição de amor segundo Deus, e sugere uma fórmula que manterá os laços matrimoniais firmes. O sucesso só pode ser assegurado se certos padrões são formados logo ao ser o lar estabelecido. "O amor não pode existir por muito tempo sem se exprimir. Não permitais que o coração do que

se acha ligado convosco pereça à minguada de bondade e simpatia." — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 360. Jesus está incluído nesta venturosa união como uma terceira pessoa, e a comunhão diária com Ele estabelece um padrão de culto. Pode haver necessidade de um ajustamento de programa, mas é essencial que a família mantenha contato diário com o Mestre.

Em seu livro *A Second Touch*, pág. 42, Keith Miller fala-nos do problema que tiveram em sua família ao procurarem estruturar o culto. Chamavam a isto "o momento da família", e decidiram estabelecer um rígido programa diário para logo após a refeição da tarde. O telefone tocava constantemente, havia ruídos de pratos que estavam sendo cuidados e a mesa a ser arrumada, os trabalhos da família nesse período foram atrasados e todos foram para a cama em terrível estado de tensão. Subitamente compreenderam que não era Jesus que necessitava de um culto na casa deles, mas eles é que o necessitavam. Então compreenderam que seria muito melhor ter um programa mais flexível, em que o culto pudesse ser feito num momento em que houvesse a possibilidade de se reunirem num retiro espiritual.

Muitas vezes, em nossa ansiedade por fazer as coisas demasiado exatas segundo nosso entender, acabamos por destruir o bem positivo que se tinha em vista. O importante é que deixemos o elemento do amor misturar-se conosco em oração em família.

Provavelmente o tempo mais crítico na experiência do lar seja quando chegam os filhos e nos tornamos pais. A emoção da paternidade é coisa sem igual, mas quando o objeto desse gozo incomparável torna conhecidas suas necessidades físicas sem levar em conta nem a hora nem a conveniência dos pais, é fácil surgir tensão entre o casal e entre este e os filhos. Manter o espírito de Cristo no transcurso deste período de ajustamento não é pequena tarefa. Muitos problemas do lar podem facilmente ser atribuídos a este período da experiência matrimonial. É preciso agora dividir a atenção, e uma nova dimensão surge na vida. Deus em Sua providência previu as oportunidades de desenvolvimento de caráter que a condição de família provê. Desde o momento em que a criança entra no lar, os pais devem estar alerta e vigiar suas palavras e influência. Só podemos ser bem-sucedidos se buscarmos de Deus orientação e força. "O que são os pais, serão os filhos em grande medida." — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 371. Se nossos lares são verdadeiramente espiritualizados, sentirão necessidade de Jesus. Isto

ocorrerá com cada membro da família. "Quando Cristo está no coração, é introduzido na família. Pai e mãe sentem a importância de viver em harmonia com o Espírito Santo, de maneira que os anjos celestes que ministram aos que hão de herdar a salvação, ministrarão para eles como mestres que são no lar, educando-os e preparando-os para a obra de ensinar os filhos." — *O Lar Adventista*, pág. 323.

O AMOR ENTRE OS MEMBROS DA FAMÍLIA

Nunca se terá dado ênfase em excesso ao fator amor entre os membros da família. Faz algum tempo, foi levado a efeito um extenso estudo sobre crianças pequenas e de colo, e apareceu em *Reader's Digest*, fevereiro de 1963, uma reportagem sobre o assunto. Nela o seu autor, Ashley Montagh, afirmou que "sabemos agora, em virtude de observações independentes de um bom número de médicos e investigadores, que o amor é parte essencial na criação de uma criança, e que a menos que ela sinta que é amada, não se desenvolverá saudável nem física, nem psicológica nem espiritualmente."

O problema com muitos pais hoje é que entendem mal o amor. Eles acham que prover à criança alimento, roupas e abrigo é suficiente. É muito mais fácil dar coisas do que nos dar a nós mesmos. John M. Drescher, escrevendo em *These Times*, março de 1970, diz: "Agora é o tempo do amor. Não de pena para com a criança que não tem uma bicicleta ou cujos pais não podem comprar uma enciclopédia. Tende pena, isto sim, da criança cujos pais não têm tempo para amá-la, para instruí-la, para com ela brincar, para expressar-lhe amor de inúmeras maneiras."

"Pais... combinai o afeto com a autoridade, a bondade e simpatia com a firme restrição. Dedicai a vossos filhos algumas de vossas horas de lazer; relacionai-vos com eles; associai-vos com eles em seus trabalhos e brinquedos e captai-lhes a confiança." — *O Lar Adventista*, pág. 222.

Em adição a um generoso suprimento de amor, nossas crianças anseiam por segurança e direção do exemplo do adulto. A juventude de hoje está clamando contra a hipocrisia e falta de atuação por parte dos pais e de todos os adultos. É tempo de *mostrarmos* Jesus a nossos filhos. O Sr. Miller, em seu livro *A Second Touch*, pág. 48, diz: "Cheguei à conclusão de que se um marido e uma esposa estão honestamente procurando descobrir a vontade de Deus, as crianças de

alguma forma perceberão o quadro." E na página 46: "Aprendi que as crianças já sabem de nossas fraquezas. Nossas faltas se ostentam. E quando recusamos confessá-las, nossas crianças não pensam que somos fortes, mas ou pensam que somos falsos, ou que não reconhecemos nossas fraquezas."

Não há tarefa mais nobre, nem maior benefício que possamos conferir à sociedade, do que dar a nossos filhos uma educação adequada, impressionando-os por preceito e com o exemplo, mostrando-lhes o importante princípio de que a pureza de vida e a sinceridade de propósito melhor os qualificarão para desempenhar sua parte no mundo." — *Fundamentals of Christian Education*, pág. 155.

Se queremos que nossos filhos orem, devemos ensinar-lhes orando com eles, na presença deles e por eles.

Pais, vosso conceito de honestidade muito fará por determinar o conceito de honestidade de vossos filhos.

Mães, vossa maneira de vestir influirá sobre modo na maneira de vestir de vossas filhas.

Se desejais que vossos filhos sejam espirituais, sede vós mesmos espirituais como pais e mães. A atitude de nossos filhos para com a igreja adventista do sétimo dia, a devolução do dizimo, a educação cristã, etc., refletirão com impressionante força os sentimentos, as expressões e o exemplo de nós outros os pais.

O princípio teórico sugerido pelos jovens viciados em droga, que dizem a seus pais: "Não me censure em matéria de droga, até que você mesmo tenha deixado de beber", traz consigo uma carga de motivos para reflexão, ao relacionarmos esta atitude com os problemas de nossos lares e da igreja.

Permiti que eu compartilhe convosco uma convicção pessoal que se relaciona com o nosso assunto. Eu creio que a juventude, pelo menos a maioria, estaria em condições de assumir maiores responsabilidades do que as que lhes temos confiado. E mais, creio que a menos que incorporem a sua experiência rumo à varonilidade, oportunidades de serviço e uma maneira real de enfrentar a vida, eles chegarão à idade adulta despreparados para assumir responsabilidades. Esta é uma das maiores diferenças entre nossa sociedade urbanizada de hoje e a maneira como nós outros fomos criados nos anos passados. É encorajador notar que grande número de jovens adventistas do sétimo dia estão se incorporando livremente para atividades de serviços na pátria e no exterior. Certamente o Senhor está neste negócio. Procuremos, pois, usar ple-

namente estas energias jovens.

Em conclusão, se vosso lar é um lar feliz, espiritual, que o Senhor continue a derramar sobre ele Suas bênçãos até sua breve volta. Se sentis que em vossa área de trabalho há necessidade ou probabilidade de mudanças no sentido de melhorar, fazei essas mudanças. O Senhor vos fortalecerá e guiará. É Seu desejo que cada lar seja um lar espiritual. Se sentis que a oportunidade passou e que é demasiado tarde para reformas em vosso lar, ainda assim sede corajosos. Nunca desistais. Ide a vosso filho ou a vossa filha, pedi-lhes desculpas, se for o caso, e afiançai-lhes que continuais a amá-los e

vos interessais por eles. Estamos perto do fim de todas as coisas, e a profecia indica que acontecimentos probantes terão lugar breve no mundo (Mal. 4:6 e 7). A descrição desta profecia encontra-se em *História da Redenção*, pág. 359. "O coração dos pais se converterá aos filhos, e o coração dos filhos aos pais.... Sinceras confissões eram feitas, e os membros da família trabalhavam pela salvação dos que lhes estavam próximo e lhes eram queridos."

Que o Senhor encha nossos corações e nossos lares com o Espírito, a fim de que Sua igreja triunfe logo.

ALMIR A. DA FONSECA — Redator de *O Ministério*

O Sumo Sacerdote Levita

Os registros bíblicos sobre o assunto são muito discretos, mas suficientes para que fiqueamos sabendo que desde os primórdios da história da humanidade o ser humano utilizou como parte do seu culto a Deus o sacrifício de animais. Com efeito, o relato de Gênesis a respeito do primeiro homicídio, mostra que a razão pela qual Caim matou seu irmão Abel foi não ter aquele oferecido o sacrifício correto, ou seja, uma oferta de animais.

Ao trazerem, os dois adoradores, suas ofertas ao Senhor, este atentou "para Abel e para sua oferta, mas para Caim e para sua oferta não atentou".¹ Séculos depois, o autor do livro de Hebreus utiliza o incidente, ao falar sobre os homens e mulheres de fé, salientando que foi impelido por esse maravilhoso dom que Abel suplantou o seu irmão na forma de culto.²

Outras referências posteriores, como a que é feita a Noé, logo após sair da arca, e a relacionada com Abraão e seus descendentes, revelam que a prática de sacrificar animais não só se tornou comum, mas até uma forma de se medir a consagração dos adoradores. Uma das razões por que Abraão se tornou conhecido e respeitado, foi a construção de altares pelos lugares que passou. Lugares como Betel e Hebrom, adquiriram maior significado depois que neles foram

erigidos altares em honra ao Senhor. E neles, o grande amigo de Deus expressou sua dedicação Àquele que o chamou de Ur dos caldeus.

Com a ida dos israelitas para o Egito, pouco se ficou sabendo sobre a prática de sacrificar animais. Sabe-se, apenas, que ao chegarem àquele país, Jacó e seus filhos pediram a Faraó que os deixasse ficar na terra de Gósen, visto serem pastores de ovelhas.³ Essa ocupação poderá sugerir que, entre as finalidades com as quais criavam aqueles animais, estaria a de sacrificá-los a Deus.

Outra sugestão de que os israelitas exerceram normalmente a prática do sacrifício de animais durante sua permanência no Egito, pode ser encontrada por ocasião da primeira páscoa. As instruções dadas com relação ao "cordeiro, ou cabrito" a ser imolado naquele dia, prescreviam que "todo o ajuntamento da congregação de Israel" o sacrificasse à tarde.⁴ A ausência de pormenores com respeito ao que se devia entender por sacrificar animais, pode ser considerada como indicação de que os israelitas já sabiam de que se tratava.

O Êxodo deu oportunidade para que os descendentes de Abraão pudessem conhecer melhor a Deus, mas não os pegou de surpresa no que se refere a Lhe prestarem

culto oferecendo sobre altares os animais que para esse fim eram sacrificados.

AS PRESCRIÇÕES LEGAIS

Com a saída do povo hebreu do Egito, houve necessidade de se disciplinar o seu sistema de culto a Deus. Foram dadas a Moisés leis minudentes que deveriam orientar cada adorador. Apesar disso ter deixado os israelitas numa forma de tutela, como salienta o apóstolo Paulo em Gálatas,⁵ revelou-se a maneira mais sábia que Deus poderia ter usado para orientá-los quanto à forma de prestarem culto.

Como parte do sistema de culto hebreu, a começar do Sinai, achava-se o tabernáculo. De início um objeto portátil, foi posteriormente transformado em majestoso templo, sempre com a finalidade de levar os adoradores a, para ele, convergir.⁶ Já não se podia construir em qualquer lugar um altar para adoração,⁷ mas, prescrevia a lei, "o lugar que o Senhor vosso Deus escolher de todas as vossas tribos, para ali pôr o Seu nome, buscareis para Sua habitação, e ali vireis. E ali traireis os vossos holocaustos, e os vossos sacrifícios, e os vossos dizimos, e a oferta alçada da vossa mão, e os vossos votos, e as vossas ofertas voluntárias, e os primogênitos das vossas vacas e das vossas ovelhas".⁸

Embora externamente o tabernáculo tivesse a aparência de uma única peça, internamente era dividido em duas partes, separadas uma da outra por um véu⁹ que, como todos os objetos do santuário, obedecia a especificações. A primeira dessas partes, ou seja, aquela a que primeiro se podia chegar, depois de passar pelo pátio, chamava-se lugar santo. A parte posterior, porém, tinha o nome de santo dos santos, ou santíssimo.¹⁰ Na primeira parte podiam os oficiantes entrar todos os dias da semana, nos horários convencionais, para a execução dos serviços religiosos; na segunda, porém, apenas o sumo sacerdote, não mais de uma vez ao ano.

OS SACERDOTES

Em que pese o nome e a função de sacerdote não serem inteiramente estranhos ao registro bíblico anterior ao Sinai, não há menção de que tivessem existido sacerdotes entre os descendentes de Abraão naquele período. A primeira vez que o termo aparece, encontra-se no livro de Gênesis,¹¹ e relaciona-se com a discutida figura de Melquisedeque. Nesse verso, o personagem em apreço é chamado de "sacerdote do Deus Altíssi-

mo", e aparece abençoando Abraão, quando este regressava de uma perseguição aos reis que levaram Ló prisioneiro.

Encontramos novamente a palavra no livro de Gênesis, relacionada com o sogro de José, filho de Jacó. Fala-se aí de um personagem chamado Potífera, cuja filha Farãndera como esposa a José, quando este se tornou a segunda pessoa no governo do Egito. Diz-se nesse texto¹² que Potífera era sacerdote de On, cidade onde se encontrava o grande templo dedicado ao deus Sol, não muito distante de Mênfis. Como os inúmeros outros sacerdotes existentes na nação egípcia, Potífera era um adorador de divindades pagãs.

Finalmente, a menção feita a sacerdotes no livro de Gênesis, termina com a distinção às terras que estes possuíam. José só não comprou as terras que lhes pertenciam "porquanto os sacerdotes tinham porção de Farãndera, e eles comiam a sua porção que Farãndera lhes tinha dado; por isso não venderam a sua terra".¹³

Ainda sem se referir a elementos pertencentes a familiares de Abraão, o livro de Êxodo menciona em primeiro lugar um sacerdote que, coincidentemente, também era sogro de um líder hebreu. Trata-se de Jetro. A gentileza de Moisés, ao afugentar os pastores que perturbavam as sete filhas desse sacerdote, valeu-lhe o casamento com uma delas. Jetro desempenhava suas funções sacerdotais em Midiã, onde Moisés esteve refugiado, após fugir do Egito.¹⁴

Não foi senão a partir do momento em que Moisés escalou o monte Sinai, que o povo hebreu ouviu pela primeira vez a respeito da possibilidade de ter sacerdotes oficiando nas suas atividades espirituais. Com o Sinai iluminado pela glória de Deus, ouviu Moisés a promessa divina: "E vós Me sereis um reino sacerdotal e o povo santo."¹⁵ Na verdade, o que aconteceria daí por diante, na história do antigo povo judaico, poderia bem ser considerado como um "reino sacerdotal", uma vez que o papel desempenhado pelos sacerdotes não ficaria devendo a nenhum reinado temporal. Da elegância das vestes às decisões espirituais e mesmo políticas, os sacerdotes assemelhar-se-iam a verdadeiros reis.

A TRIBO DE LEVI

O sacerdote israelita teve origem com a tribo de Levi.¹⁶ Crê-se que isso se deveu, em grande parte, ao fato de não ter essa tribo tomado parte na adoração do bezerro de ou-

O SUMO SACERDOTE

ro, feito enquanto Moisés se encontrava sobre o Monte. Ao apelo de Moisés, no sentido de que se colocassem do seu lado aqueles que fossem do Senhor, a tribo de Levi respondeu positivamente ao chamado.¹⁷ Todavia, se a narrativa do livro de Êxodo obedecer à ordem em que se acham atualmente os capítulos, Arão e seus filhos, que também pertenciam a essa tribo, foram escolhidos para o sacerdócio antes que o bezerro de ouro fosse feito.¹⁸ Possivelmente, em virtude da fidelidade a Deus, não só Arão e seus filhos, mas todos os demais elementos do sexo masculino pertencentes à tribo, passaram a fazer parte do sacerdócio, embora estes últimos ocupassem funções mais comuns.

A dedicação da tribo de Levi ao serviço de Deus foi descrita por Moisés em linguagem poética, por ocasião das bênçãos por ele dirigidas às diversas tribos. Como podemos observar pela leitura das leis levíticas, não era permitido àqueles que oficiavam no serviço do templo, contaminarem-se, principalmente com pessoas que haviam morrido. A proibição era tanto mais rigorosa quanto mais elevada fosse a função exercida. Dependendo do caso, nem mesmo a morte de um parente próximo como o pai ou a mãe do sacerdote, constituía motivo para que a lei fosse descumprida. Moisés certamente estava falando deste assunto, quando disse poeticamente: "Aquele que disse a seu pai e a sua mãe: Nunca o vi; e não conheceu a seus irmãos, e não estimou a seus filhos, pois guardaram a Tua palavra e observaram o Teu concerto."¹⁹

"Os sacerdotes, cada qual com sua função especial e divididos em vinte e quatro ordens separadas, explanavam para o povo nos pátios do Templo as leis rituais e das Escrituras. Somente eles tinham o privilégio de levar os inúmeros sacrifícios e oferendas de presentes ao altar do Templo. Conduziam os serviços litúrgicos e complicados cerimoniais no Templo durante os três 'festivais de peregrinação' de Pessach, Shavuot e Sucot. Também exerciam sua função tradicional de juizes. Um de seus deveres mais importantes era o de estar vigilantes nos assuntos referentes à pureza ritual, fosse de roupas, de corpo, de alimento ou bebida, ou de conduta moral."²⁰

Naturalmente, essas atribuições vieram com o passar do tempo, à medida que as circunstâncias as exigiram. Muitas delas, porém, surgiram com a instituição do sacerdócio.

Com função específica entre a classe sacerdotal, encontrava-se o sumo sacerdote. Conforme a obra já citada, "no Iom Kipur, só ele tinha permissão de penetrar no santuário interior do Sagrado dos Sacratíssimos, a fim de fazer a expiação pelos pecados de sua própria casa e pelos de todo o povo de Israel, oferecendo o sacrifício em pessoa em vez de fazê-lo através de um subordinado." Além disso, diz ainda a mesma fonte, o sumo sacerdote dirigia as ordens de sacerdotes e levitas, calculadas no período do Segundo Templo em mais de vinte mil membros na Judéia.

Embora haja unanimidade entre os comentaristas, no sentido de que Arão foi o primeiro sumo sacerdote, não há declaração bíblica expressa neste sentido. Evidentemente, ao lermos a respeito de sua escolha e ordenação, temos que convir que foi ele o primeiro a ser investido nessa elevada função. O ritual que acompanhou sua investidura nesse alto posto, o óleo e as roupas que passou a usar no exercício de sua profissão, a partir daquele momento, não deixam dúvida de que foi ele o primeiro a ser eleito.

A rigor, o título sumo sacerdote só aparece, pela primeira vez, no Antigo Testamento, em Levítico.²¹ Ao que se pode observar, não se tratava de expressão desconhecida entre os israelitas, pois aparece normalmente no contexto de várias recomendações ligadas àquela função. O capítulo vem tratando das recomendações divinas dirigidas aos sacerdotes de um modo geral, e de repente passa a referir-se ao "sumo sacerdote entre seus irmãos",²² explicando o que lhe é permitido ou não fazer.

As recomendações feitas aos sumos sacerdotes eram muito mais rigorosas do que as restrições referentes aos sacerdotes. Àqueles não era permitido descobrir a cabeça nem rasgar os vestidos em momentos de grande angústia, como era comum acontecer naquele tempo com outras pessoas. Caso seu pai ou sua mãe morresse, não poderiam ausentar-se do santuário para ir até onde se encontrava o defunto. A mulher com quem lhe era permitido casar-se, deveria ser "virgem dos seus povos", sendo-lhe vedado o casamento com qualquer outra espécie de mulher, mesmo as viúvas. Tudo isso, porque "a coroa do azeite da unção do seu Deus está sobre ele".

Os sacerdotes podiam entrar no primeiro compartimento do tabernáculo sempre que sua presença fosse ali exigida. O sumo sa-

cerdote, porém, só podia entrar no segundo compartimento do tabernáculo uma vez ao ano.²³ Com um novilho, que imolava para fazer expiação por si mesmo e sua casa, deveria entrar no santuário no dia dez do sétimo mês.²⁴ Outros três animais: um cordeiro e dois bodes, faziam parte, ainda, do número de vítimas levadas na mesma ocasião ao santuário, sendo que um dos bodes não era sacrificado, mas enviado ao deserto.

O livro de Levítico sugere que Arão não foi avisado logo no início, de que não devia entrar no santuário a qualquer tempo. Faz-nos supor isso a tragédia ocorrida com os dois filhos do sumo sacerdote. Depois desse acontecimento, "disse pois o Senhor a Moisés: Dize a Arão, teu irmão, que não entre no santuário em todo o tempo, para dentro do véu, diante do propiciatório que está sobre a arca, para que não morra".²⁵

Alguns pontos merecem consideração, neste sentido. Em primeiro lugar, a linguagem dos versos citados mostra que a referência se prende ao lugar Santíssimo do santuário. Dessa maneira, podem ser admitidas as seguintes hipóteses: 1) O dia da expiação tinha menos de um ano de instituído, de maneira que Arão ainda não havia entrado além do véu; 2) o dia já havia sido instituído havia mais de um ano, mas os filhos de Arão se esqueceram ou foram negligentes e, portanto, castigados; 3) Arão não havia sido avisado até aquele momento de que não devia entrar a todo instante além do véu. Caso a última alternativa seja a correta, revela isto que as verdades bíblicas, conquanto todas importantes, são reveladas progressivamente. Quanto ao segundo ponto, verificamos que nem sempre a ignorância precisa ser afastada para que o faltoso seja punido; e que a negligência pode ser castigada de maneira inapelável.

A FAVOR DOS HOMENS

O autor do livro aos Hebreus comenta que "todo sumo sacerdote, tomado dentre os homens, é constituído a favor dos homens nas coisas concernentes a Deus, para que ofereça dons e sacrifícios pelos pecados".²⁶ Desses homens, em favor dos quais era constituído, um era ele próprio. Antes de fazer qualquer expiação em favor de alguém, devia purificar-se mediante o sangue do novilho, que levava até o tabernáculo. A instrução era clara: "Depois Arão oferecerá o novilho da expiação, que será para ele, e fará expiação por si e pela sua casa."²⁷ Em seguida, isto é, depois de ter cumprido os requisitos que se referiam a ele

e sua casa, degolava "o bode da expiação, que será para o povo",²⁸ um dos dois bodes sobre os quais era lançado sorte.

Também ele mesmo "rodeado de fraqueza", devia "compadecer-se ternamente dos ignorantes e errados".²⁹ Chamado por Deus para desempenhar aquela nobilíssima função, não podia exaltar-se quando oficiava em favor das pessoas, pois devia começar a cerimônia pensando na sua própria condição de pecador.

Essa necessidade de oferecer sempre oferta em seu próprio benefício, antes de mais nada revelava a fragilidade do sumo sacerdote. O sumo sacerdote que o escritor de Hebreus procurou descrever aos seus leitores, não deveria necessitar, "como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente por seus próprios pecados, e depois pelos do povo".³⁰ A lei, escreveu ele, "constitui sumos sacerdotes a homens fracos".³¹ Era, certamente, uma honra que devia ser desejada,³² ser chamado por Deus para ser sumo sacerdote, mas nem por isso estava o eleito isento de fraquezas.

Todavia, desde que o sumo sacerdote reconhecesse a sua fragilidade, era ele um mediador entre Deus e os demais homens de sua espécie. Simbolicamente, levava ele sobre o coração os filhos de Israel,³³ indicação de que não só devia lembrar-se sempre deles, mas também amá-los e protegê-los espiritualmente.

Mesmo já não contando com o agrado de Deus, pelo fato de a nação israelita ter deixado de cumprir, pelo menos em parte, os objetivos divinos, a figura do sumo sacerdote e sua autoridade eram indiscutíveis. Quando, diante do Sinédrio, Paulo foi ferido na boca por ordem de Ananias³⁴ e o chamou de "parede branqueada", a reação imediata foi a de que o apóstolo estava injuriando "o sumo sacerdote de Deus". Paulo desculpou-se, dizendo que não sabia ser o seu juiz o sumo sacerdote, e o escritor do livro de Atos procura mostrar que esse pedido de desculpa do apóstolo se baseava no que preceitua Êxodo 22:28, que diz: "O príncipe dentre o teu povo não maldirás."

Ainda que não mais tivesse o favor divino a acompanhá-lo, pois a classe sumo-sacerdotal também contribuía para tirar a vida do filho de Deus, ao menos por uma questão de tradição o preceito bíblico foi aplicado no caso de Ananias. E isso nos leva a compreender a elevada consideração em que eram tidos os sumos sacerdotes. Sua posição correspondia à de um príncipe.

E nos lembramos também de que, antes que houvesse esse incidente com Paulo, o

próprio Cristo teve experiência idêntica ao responder de maneira repreensiva ao seu inquisidor Anás.³⁵ Além de esbofetear a Jesus, o criado ainda Lhe perguntou: "Assim respondes ao sumo sacerdote?" Embora pouco restasse de aproveitável na vida espiritual daquele dignitário, ele desfrutava ainda de uma aura de prestígio.

Segundo a *Enciclopédia Judaica*,³⁶ Finéias Ben Samuel foi o último sumo sacerdote. Terminava assim, historicamente, essa espécie de realeza, à qual Deus dispensara favores especiais. Por certo, muitos deles desempenharam fielmente o seu papel, e deverão gozar os privilégios da eternidade. É de se esperar que, como simbólicos intercessores entre Deus e os homens, tenham tido a sabedoria celestial para também reconhecer a sua dependência da graça divina que os sacrifícios simbolizavam.

Espera-se que muitos deles tenham deixado diante do altar que expiavam com o sangue do novilho, seus próprios pecados, e que pela fé tenham encontrado salvação no Cordeiro morto desde a fundação do mundo, Cristo Jesus.

Referências:

1. Gênesis 4.4 e 5
2. Hebreus 11.4
3. Gênesis 47.4
4. Êxodo 12.5
5. Gálatas 4.1-3
6. Êxodo 25.8; I Reis 8.10 e 11
7. Josué 22.10-34
8. Deuteronômio 12.5 e 6
9. Êxodo 26.31-37
10. Hebreus 9.1-3
11. Gênesis 14.18
12. Gênesis 41.45
13. Gênesis 47.22
14. Êxodo 2.15-22, 18.1 e 9
15. Êxodo 19.6
16. Deuteronômio 10.8 e 9
17. Êxodo 32.26
18. Êxodo 28.1 e 2
19. Deuteronômio 33.9
20. *Enciclopédia Judaica*, vol. 5, pág. 672
21. Levítico 21.10
22. Levítico 21.10
23. Hebreus 9.6 e 7
24. Levítico 16.3; 23.27
25. Levítico 16.1 e 2
26. Hebreus 5.1
27. Levítico 16.6
28. Levítico 16.15
29. Hebreus 5.2
30. Hebreus 7.27
31. Hebreus 5.28
32. Hebreus 5.4
33. Êxodo 39.6
34. Apos 23.2-5
35. S. João 18.20-23
36. *Enciclopédia Judaica*, vol. 3, pág. 1.136

PAULO H. SOUZA SÁENZ — Engenheiro eletrônico, residente em Monterrey, México

Quando Terminaremos a Obra de Deus na Terra?

O Senhor disse: "Eu glorifiquei-Te na Terra, tendo consumado a obra que Me deste a fazer" (S. João 17:4). Ele dispunha de um tempo definido para essa obra: apenas três anos e meio, e nesse curto espaço de tempo pôde dizer: "tenho consumado". Para levar a efeito qualquer espécie de empreendimento, dispomos de um tempo determinado. A dona-de-casa tem uma hora em que o alimento deve estar pronto; a costureira uma data para entregar a costura; o desenhista, uma época em que deve terminar os modelos da estação. Qualquer empreendimento tem uma época de desenvolvimento e outra de culminação. Há coisas que são inúteis se feitas ou terminadas fora de tempo.

Em qualquer atividade, é tão importante

saber o que vamos fazer como o tempo de que dispomos para realizá-lo. Ambas as coisas são muito importantes, e para sabermos a segunda é preciso sabermos bem a primeira, ou seja, o *quê*, depois do qual vem o *quando*. Quando iniciar. De quanto tempo disponho. Quando devo terminar. Em nossas atividades, ao ser-nos indicada uma ocupação, depois de entendermos claramente o que devemos fazer, é-nos dito ou perguntado em quanto tempo devemos ou podemos terminar.

Para respondermos à pergunta: quando terminaremos a obra? primeiro devemos estar certos de que sabemos qual é a obra. Tive dúvidas quando li em alguns dos nossos escritos, que mesmo entre os pastores não havia um conceito claro a respeito de qual a

nossa missão na Terra. Pouco tempo depois, fui convidado para fazer umas conferências sobre administração para um grupo de pastores de lugares diversos, que faziam um curso para conseguir seu mestrado na Universidade de Montemorelos. Comecei minha primeira palestra, perguntando: Qual é nosso objetivo? Por suas respostas, notei que não o tinham claro. As respostas eram variadas, predominando finalmente duas: para a maioria, a conquista de almas; para os outros, a pregação do Evangelho a todo o mundo.

QUAL É NOSSO OBJETIVO?

A conquista de almas ou a pregação do Evangelho? Estes dois objetivos: Significam a mesma coisa? Opõem-se? Relacionam-se? Por que é importante determiná-los? A conquista de almas não é a mesma coisa que a pregação do Evangelho; embora não sejam objetivos opostos, estejam relacionados. Um é consequência do outro, e é importante que não nos confundamos.

Na resolução do Concílio Anual de 1976, sobre "Evangelificação e término da obra de Deus", afirma-se: "Terminação da Obra" significa "comunicar a mensagem de Deus com o poder do Espírito Santo a todos os habitantes da Terra, a fim de que Deus possa declarar Sua obra terminada (S. Mat. 24:14)."

Isso deixa bem claro que nosso objetivo é a pregação do Evangelho, não a conquista de almas. Este último não é o objetivo da pregação, mas sua consequência. Que importância tem isto? e qual o problema de alguns terem como objetivo o ganho de almas?

O mesmo documento diz, em outra parte: "Satanás poderia triunfar facilmente sobre esta igreja se pudesse tornar confuso esse objetivo, ou conseguisse fazer com que uma igreja condescendente crescesse que está alcançando seu objetivo, quando na verdade está multiplicando atividades secundárias de natureza louvável, mas que não atingem o alvo proposto."

De acordo com este documento, o objetivo pessoal não é ganhar uma, duas ou dez almas por ano, ou cem em toda a vida, mas pregar ou comunicar a mensagem de Deus a cada uma das pessoas com as quais cada crente se relaciona na vida. Se cumprida essa recomendação, certamente serão ganhas mais almas do que se for estabelecido um alvo de ganhar um determinado número de pessoas.

Tradicionalmente, no âmbito do campo local, nosso objetivo tem sido a conquista de almas. Não será esta a razão por que ain-

da não terminamos a Obra?

QUANDO VAMOS TERMINAR?

Tão importante como conhecer nosso objetivo é saber quando o alcançaremos. Podemos saber, ganhando almas, quando vamos terminar? Em parte alguma das Escrituras se diz que Cristo voltará quando formos dez ou cem milhões de adventistas. Também não diz que a obra de cada indivíduo é ganhar um determinado número de almas. Tendo como objetivo a conquista de almas, nunca iremos saber quando vamos terminar. Tem-se conquistado almas através das muitas gerações, mas não se terminou a Obra.

Para explicar o que foi dito antes e salientar a parte importante, que é definir claramente nosso objetivo, apresentarei um exemplo: Sou membro da igreja e tenho 38 anos de idade. No lugar onde moro há um adventista para 500 habitantes. No trabalho, relaciono-me, aproximadamente, com mais 150 pessoas. Podemos supor que dos 500 habitantes, 100 já tenham ouvido o evangelho, e o recusaram, e que dos 150 companheiros de trabalho, 100 não o aceitaram. Isto quer dizer que meu objetivo é pregar o Evangelho a 400 pessoas em minha vizinhança, mais 100 em meu trabalho, mais aproximadamente 300 pessoas com as quais irei relacionar-me no restante de minha vida, ou seja, 800 pessoas no total.

Se meu objetivo for ganhar duas almas por ano, escolherei entre as minhas amizades umas cinco pessoas, talvez as melhores, ou as mais acessíveis, trabalharei com elas e, certamente, durante o ano alcançarei meu alvo de ganhar duas almas. Se vivesse 22 anos, ganharia 44 almas, mas pregaria apenas para 110 (22x5) pessoas, ou seja, chegaria ao final de minha vida sem poder dizer: "Tenho consumado a obra que me deste a fazer", porque haveria 690 pessoas às quais não dei a mensagem. Deverá vir outra geração para que a Obra seja terminada.

"TENHO TERMINADO A OBRA QUE ME DESTE A FAZER"

Por outro lado, se meu objetivo é pregar o Evangelho e me disponho a fazê-lo com todos com quem me relaciono — com cada pessoa, boa ou má — e meu objetivo é dar a mensagem a 50 delas por ano, em 16 anos poderei abranger as 800 pessoas que me cabem. Por certo, conquistarei mais almas e poderei dizer, no fim de 16 anos: "Terminei a obra que me deste a fazer."

Alguém poderá pensar que é um sacrilégio

gio supor que é possível saber com certa aproximação, baseado nos recursos de que dispomos e com o objetivo claro, quanto tempo nossa obra requererá. No documento "Evangelização e a terminação da Obra", no item 3.C, diz: "A associação/missão deve fazer planos definidos com cada igreja, grupo, Escola Sabatina e instituição, para levar a mensagem dos três anjos dentro de seu território entre agora e o tempo da Associação Geral em Dallas."

No Concílio Anual de 1978 ficou claro nosso objetivo e, como todo bom planejamento, estabeleceu-se um tempo para executá-lo. Não é nenhum disparate nem sacrilégio desejar saber o tempo em que se pode terminar a Obra de Deus.

Infelizmente, este maravilhoso propósito não foi concretizado. Em lugar de se declarar terminada a Obra em Dallas, em 1980, como consequência da aplicação desse documento, o Pastor Neal C. Wilson, no terceiro item de seu discurso, intitulado: "Para fazer o que é certo no tempo certo", disse: "Precisamos tornar a ler a decisão do Concílio Anual de 1976 sobre 'Evangelização, conquista de almas, designação de território e término da Obra de Deus'. Não me é difícil entender por que o inimigo da verdade procurou sepultar aquele significativo acordo sob uma porção de outros planos e atividades rotineiras de gabinete. Creio agora, como o fazia então, que aquele documento, uma vez posto em prática no poder e influência do Espírito Santo, poderia produzir uma ação sem precedentes."

Por que não se alcançou o objetivo? Qual foi a falha? O Pastor Wilson disse que Satanás procurou enterrá-lo. Será que Satanás pode impedir tudo o que é bom? Se não se cumpriu foi porque falhamos. Não fizemos as coisas certas. O Pastor Wilson salientou que o momento continua sendo oportuno. Agora devemos fazer corretamente as coisas.

O "processo administrativo" diz-nos que depois de planejarmos — primeiro passo do processo em que fixamos nosso objetivo, em nosso caso "comunicar a mensagem de Deus a todos os habitantes da Terra" num determinado prazo — devemos organizá-los. Este é o segundo passo do processo. Não demos este passo, não adaptamos a organização para torná-la coerente com o objetivo.

PROBLEMAS DE ORGANIZAÇÃO

Estamos conscientes de que temos problemas de organização? Pode a igreja remanescente ter problemas dessa natureza? No

congresso de Atlantic City, de 20 de junho de 1970, o Pastor Robert H. Pierson disse numa parte de sua mensagem: "Deveríamos examinar com cuidado alguns de nossos problemas de organização."

Que se fez nesse sentido? Ao ler alguns dos livros do Pastor Pierson, encontro uma ampla análise dos problemas e das recomendações que, lamentavelmente, não foram postas em prática.

Qual é a situação? Dez anos depois, novamente em Dallas 1980, no item 10 de seu discurso, o Pastor Wilson disse: "Passo agora a um assunto que poderia facilmente ser mal-interpretado. Por favor, ouçam cuidadosamente o que irei explicar: caso a igreja deva pôr em execução todos os objetivos que Deus lhe confiou, devem ser efetuadas certas mudanças em sua organização. Vários regulamentos precisam ser depurados. É necessário criar novas e atualizadas considerações para os incentivos missionários e de recrutamento. Devem-se adotar os princípios apropriados para dirigir as igrejas e para garantir a inversão eficaz de cada hora trabalhada, cada dólar gasto, cada plano concebido. Esses alvos precisam de maior exatidão na delegação de autoridade, nos requisitos para assumir responsabilidades, e na simplificação de nossos processos de tomar decisões.

"Somos uma igreja, não uma corporação secular. Não podemos fazer algumas coisas que outras organizações fazem. Existem ainda princípios experimentados de administração que podemos usar sem perigo, nas operações da igreja, incrementando assim nosso testemunho global. A filosofia de liderança, o papel da Associação Geral, a função dos departamentos, a eficiência no escritório, as viagens, o uso mais produtivo dos recursos humanos e financeiros devem ser abertos a um escrutínio sensível a mudanças.

"Sem entrar em análise minuciosa nesta noite, gostaria que este corpo de obreiros soubesse que pessoalmente tenho a convicção de que certas modificações são imperiosas, e requeridas, já faz muito tempo. Ao falar com os leigos e dirigentes das igrejas em minhas visitas às diversas divisões da Associação Geral, no ano passado, percebi um sentimento de urgência de que é preciso fazer alguma coisa agora, não numa data futura."

Dez anos depois, continuamos tendo problemas de organização. Para determiná-los, analisemos nossa organização.

ANÁLISE ORGANIZACIONAL

Ao iniciar essa análise, quero dizer que os princípios da organização, que temos como igreja, são mais avançados do que o sistema de qualquer outra empresa. A Bíblia e o Espírito de Profecia proporcionam princípios de organização perfeitos e atuais. O problema somos nós, que não temos sabido compreendê-los.

Começemos definindo o que é organizar: É o processo de colocar homens e mulheres dentro de uma estrutura para obtenção de objetivos. Nesse caso, a pregação do Evangelho a todo o mundo. O trabalho apresentado como resultado da planificação, origina a organização. Desse trabalho, derivam-se as várias atividades e recursos necessários para conseguir os resultados desejados. Proporciona-se assim uma base para os esforços da organização, e os planos têm significado para cada um dos membros. A organização concentra os indivíduos em atividades afins. O propósito do plano é fazer com que as pessoas trabalhem unidas, de maneira eficaz, para alcançar objetivos específicos.

Se nós lembrarmos de que nosso objetivo é territorial, não numérico — isto é, que devemos pregar o Evangelho a todo o mundo e que como consequência ganharemos almas — podemos dizer que nossa organização é quase coerente com o objetivo. Em seus níveis superiores, nossa organização é territorial, e também conta com uma organização departamental entrelaçada com a territorial. A Associação Geral compõe-se de divisões, estas por sua vez de uniões, as quais se dividem em associações e missões e estas em distritos, divididos em igrejas ou congregações locais. Com exceção do último nível, todos os anteriores estão organizados territorialmente de acordo com o objetivo.

As igrejas ou congregações não possuem uma organização territorial. Têm uma organização departamental, e este é realmente o problema. Nas igrejas, os departamentos desempenham uma função linear, quando, para cumprir o objetivo, deveriam estar cumprindo uma função *staff*. Uma organização departamental ganha almas, serve muito bem para a adoração, mas não cumpre o objetivo territorial.

Se você deseja verificar a falta de clareza no objetivo de uma congregação, basta perguntar a um ancião de igreja qual é sua função nela. Certamente ele dirá que prega, acompanha os que vão à plataforma, faz os anúncios, pertence a várias comissões, unge enfermos e realiza serviços fúnebres, quando o pastor não está. Faça a mesma

pergunta ao diretor J.A., e ele dirá que é responsável pelo preparo de bons programas, e seu objetivo é conseguir uma maior assistência. Possivelmente, o diretor da Ação Missionária lhe dirá que tem que preparar os dez minutos missionários e pregar no primeiro sábado de cada mês. Tudo parece que se encaminha para a adoração.

ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL

O problema, então, é criar nas congregações uma organização territorial coerente com nosso objetivo. Tem-se feito alguma coisa, com bons resultados. Podemos ressaltar o programa de unidades evangelizadoras, promovido pelo Pastor Sérgio Moctezuma, como o passo mais importante nessa direção, porque divide territorialmente a Escola Sabatina. Não obstante, tem-se apresentado como um plano opcional, e, em alguns casos, momentâneo. Sem desmerecer-lhe as qualidades, apresentou problemas funcionais. O principal problema é sua dependência da Escola Sabatina, ou seja, pôr uma função linear dependendo de uma função *staff*. A Escola Sabatina, em princípio, não tem uma organização territorial a não ser por idade; de acordo com a idade, é a divisão a que pertencem. Se as unidades evangelizadoras forem desligadas da Escola Sabatina, esta pode funcionar muito bem.

Para encontrarmos uma solução, depois de analisado o problema, poderia ajudarnos bastante a consideração das seguintes citações do Espírito de Profecia: "O tempo é breve, e nossas forças têm que ser organizadas para produzirem uma obra maior" (*Test. Selet.*, vol. 3, pág. 295). "A formação de pequenos grupos como base de esforço cristão, foi-me apresentada por Aquele que não pode errar" (*Idem*, pág. 84). "Deus deseja que cada um de nós encontre seu lugar. Quando cada um estiver em seu posto, realizando a obra que Deus lhe confiou, haverá perfeita unidade" (*Manuscrito* 56, de 23 de maio de 1904). "Cada um deve ficar em seu quinhão e lugar, pensando, falando e agindo em harmonia com o Espírito de Deus. Então, e não antes, será a obra um todo completo, simétrico" (*Test. Sel.* vol. 2, pág. 531). "Deus Se propõe a que aprendamos lições de ordem e organização, da ordem perfeita instituída nos dias de Moisés, para benefício dos filhos de Israel" (*Testimonies*, vol. 1, pág. 65).

Creio que nestes textos encontramos a chave para resolver o problema da organização territorial da congregação. Em primeiro lugar, salienta-se que se deve desig-

nar a cada irmão um território. Em segundo, a organização nos dias de Moisés é chamada de "ordem perfeita". De conformidade com o que aqui se expõe, é necessário que se indique a cada membro um território para que o trabalhe; isto é, dizer-lhe que seu objetivo é pregar a todos os habitantes desse setor. O passo seguinte é definir de quem depende organizacionalmente cada membro de igreja. Supondo-se que uma igreja conta com duzentos membros, é correto ou possível que todos dependam de uma pessoa, nesse caso o pastor. Estudando a organização de Moisés, pode-se solucionar este problema. Acima do indivíduo, no nível organizacional seguinte, estava o chefe de família, o líder espiritual; para cada dez famílias, havia um chefe. Em nosso caso, os anciãos seriam os chefes sobre dez famílias. Dessa forma poríamos dois níveis de organização entre o indivíduo e o pastor, ou seja, o indivíduo depende do líder espiritual da casa; este, por sua vez, depende do ancião, o qual depende do pastor do distrito.

O pastor distribui seu território entre os anciãos, estes entre as famílias, e as famílias entre os membros. Cada um tem um lugar e um alvo específico a alcançar. O ancião transforma-se, realmente, em um sub-pastor de um determinado território. Dessa forma, baseados na instrução do Espírito de Profecia, podemos ter uma organização territorial da igreja no nível mais importante desta.

No ano de 1979, o Pastor Alfred B. Aeschlimann escreveu um artigo intitulado: "A responsabilidade do pastor para com os novos conversos". No sétimo item do seu assunto, apresenta ele um plano de cuidado múltiplo dos membros, que considero magnífico: não estou de acordo, porém, com a palavra *plano*. Creio que essa palavra é muito pobre para o que representa. Plano dá a idéia de algo opcional, que se pode aceitar, recusar ou executar temporariamente, e posteriormente abandonar. E o Pastor Aeschlimann apresenta aí algo que devemos aceitar como um sistema de organização territorial da igreja.

Unindo os propósitos missionários do plano das *Unidades Evangelizadoras* com o *Plano do Cuidado Múltiplo dos Membros*, podemos ter um verdadeiro sistema de organiza-

ção coerente com nosso objetivo, desde o vértice até a base de nossa estrutura organizacional. Uma organização que pode terminar a Obra de Deus e que, portanto, também conquista almas para Cristo.

PARA O MOMENTO DE CRISE

Com um alvo bem definido e uma organização de acordo com ele, terminaremos de considerar a parte estática da administração. O passo seguinte corresponde à parte dinâmica ou operacional, que é a direção. A falta de clareza no objetivo tem ocasionado incoerência na planificação e na organização a nível da congregação. Isto, por sua vez, tem feito com que tenhamos uma direção por campanhas. Fazemos muitas campanhas, operações, planos, etc. Parece que o trabalho dos departamentais é prepará-los de tal forma que estejam disponíveis para quando houver uma crise. Temos uma campanha ou plano para quase cada problema que surge. O pastor está esperando a crise para tirar de sua gaveta o plano ou campanha que a organização recomenda para aquele caso. Se a crise é que não alcançamos o alvo de batismos, fazemos uma campanha evangelística. Se faltam recursos, uma semana de mordomia. Se estamos perdendo membros, Operação Resgate, etc.

A direção por campanhas, aplicada na maioria de nossas igrejas, não é mais do que a direção por crise; na verdade, quem nos dirige é a crise do momento. Em outras palavras, permitimos que Satanás tome sempre a iniciativa. Lamentavelmente, porém, quando descobrimos a campanha ou o operativo para defender-nos, já sofremos grandes perdas. Na direção por campanhas, podemos fazer apenas uma coisa de cada vez. Difícilmente podemos manter um programa equilibrado na igreja.

Por meio da organização territorial, podemos não só defender-nos, mas, ao mesmo tempo, atacar. Podemos deixar de ser manipulados pela crise, para dirigir eficazmente a igreja para seu objetivo final. Quando isso acontecer, Satanás terá que colocar-se na defensiva, a crise será para ele, e não poderá atacar-nos de dentro, mas terá que atacar-nos abertamente, de fora, como um inimigo totalmente identificável.

**Promova o
Seminário — As Revelações do Apocalipse
em sua igreja.**

Simpatizar é Compreender

A simpatia é um ritmo secreto que estabelece a comunhão entre os sentimentos, sem causa perceptível, antecipando-se a qualquer reflexão sobre a conveniência da intimidade. É confiança de ser compreendido; é desejo de sê-lo. Simpatizar com alguém, equivale a entregarmo-nos nalgum projeto, sem temor à deslealdade ou à traição.

Há em todos os que trabalham, pensam ou cantam, um fundo comum de inclinações que, facilmente, podem vibrar em unísono; e em todos existem diferenças pessoais inarmonizáveis. A capacidade de simpatia predomina entre os que compreendem as tendências homogêneas, e sabem cultivá-las em si mesmos e admirá-las nos demais, gozando em seu humano regozijo, sofrendo com sua humana dor. Os incompreensivos, que vivem investigando o inconciliável dos caracteres, para menoscabar as próprias arestas contra as alheias, não podem sentir simpatia nem despertá-la; estão condenados a semear a discórdia e a sofrer com ela. Tudo quanto é humano pode provocar uma consonância moral; mas nem tudo merece a mesma simpatia, nem esta nasce igual ante motivos diferentes. A mais fácil é a simpatia física; a mais forte é a que assenta na comunidade de idéias. Deve ser espontânea e sem limites para que seja duradoura; colocar reservas a sua natural expansão, é matá-la. Desconhece barreiras; a língua e os costumes podem estimulá-la, se são idênticos; não logram, porém, obstruí-la por mais que difiram. A afinidade de desejos, de crenças, de esperanças aproxima os caracteres e faz com que simpatizem, transpondo a distância e o tempo. Por isso, consideram-se irmãos todos os que sentem a mesma ansiedade idêntica, auscultando com idêntico fervor otimista o porvir da humanidade.

Saber despertar a simpatia é um dom natural, raro e inexplicável; saber senti-la, é um fator decisivo da felicidade. Os homens inclinados a simpatizar com os demais são os melhores instrumentos da harmonia social. — *José Ingenieros.*